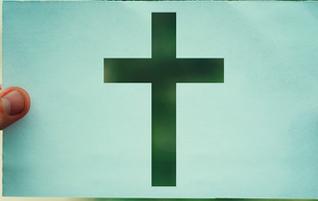
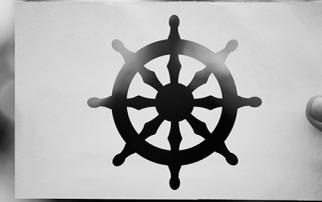


Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia e ciência da religião: agenda para discussão 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vanessa Alves Pereira, Sonellaine de Carvalho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-541-9

DOI 10.22533/at.ed.419202810

1. Teologia. 2. Ciência. 3. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). III. Carvalho, Sonellaine de (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O momento em que vivemos, marcado pela primeira onda mundial do COVID-19 tem levado muitas pessoas a refletirem sobre a vida. O diálogo religioso tem sido, nesses momentos difíceis acalento para muitas pessoas. Mesmo, sabendo que historicamente as Ciências da Religião e a Teologia, possuem identidades e trajetórias próprias, porém, não indiferentes entre si, arriscamos dizer que nesse contexto abstruso, através da “fé e da razão” vêm colaborando na religiosidade das pessoas. No discurso teológico de São Tomás de Aquino a “fé e a razão” aparecem como valores intrincados com o conhecer da verdade, e nos contextos de hoje, marcado pelo isolamento social, o conhecer nos leva a verdade do outro e a verdade sobre nós mesmos. Reflexões sobre a vida, o ser humano, a morte, o sagrado têm sido perenes nesse período de isolamento.

Um dos caminhos utilizados pelas pessoas nesse contexto pandêmico, é o da leitura. Uma boa leitura, sempre fez bem ao corpo e a alma. A partir dessas premissas apresentamos a obra - **Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2** -. Uma obra com 11 textos diversificados, oriundos de pesquisas, investigações de vários autores e de vários contextos. Tais elementos, tornam esta obra rica em reflexão gravitando em eixos como (Bíblia Hebraica, Confessionalidade, Congar, Eclesiologia, Gênero. Morte, Narrativas Bíblicas, Paradigmas, Peregrinos, Preservação, Religião, Santo, Tempos, Teologia, Tolerância. Xintoísmo, etc.) cujos diálogos ora perpassam pelos liames das Ciências da Religião, ora pela Teologia. Deixamos aqui o convite, para leiam e apreciem a obra.

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMAGEM FEMININA NA ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: UM PANORAMA DE COMO QUADROS TEÓRICOS PERMITEM COMPREENDER POSSÍVEIS TENSÕES ENTRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS AO FEMININO	
Ana Luíza Gouvêa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.4192028101	
CAPÍTULO 2	13
A LITERATURA INFANTIL AFRICANA: ROMPENDO COM A CULTURA HEGEMÔNICA	
Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz	
DOI 10.22533/at.ed.4192028102	
CAPÍTULO 3	28
A PRÁTICA RELIGIOSA E A MORTE NA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES JAPONÊSES	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.4192028103	
CAPÍTULO 4	41
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A MANUTENÇÃO E/OU RESTAURAÇÃO DA IGREJA SÃO TIAGO MAIOR DE LÂNDANA (CABINDA/ANGOLA)	
Joaquim Paka Massanga	
DOI 10.22533/at.ed.4192028104	
CAPÍTULO 5	54
A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DA MADEIRA DE ACÁCIA NO ÂMBITO DAS LOCAÇÕES CÊNICAS DAS NARRATIVAS BÍBLICAS	
Petterson Brey	
DOI 10.22533/at.ed.4192028105	
CAPÍTULO 6	63
A SERVIÇO DO QUE SE MOVE: A TRADIÇÃO CAMBIANTE DA FESTA DOS SANTOS PEREGRINOS	
Andiara Barbosa Neder	
DOI 10.22533/at.ed.4192028106	
CAPÍTULO 7	77
AS MISSÕES PROTESTANTES NA AMÉRICA LATINA E SEU IDEÁRIO POLÍTICO	
Dora Deise Stephan Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4192028107	

CAPÍTULO 8.....	90
O PARADIGMA TRADICIONAL DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA DOCÊNCIA TEOLÓGICA CONFSSIONAL	
Davi Marreiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4192028108	
CAPÍTULO 9.....	102
PARALELO ENTRE O PENSAMENTO DE YVES CONGAR E OS DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA EM MEDELLIN: SUA RELAÇÃO COM A <i>LUMEN GENTIUM</i> E GAUDIUM ET SPES DO CONCÍLIO VATICANO II	
Ailton Bento Araruna	
Edilberto Cavalcante Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4192028109	
CAPÍTULO 10.....	109
RELIGIÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.41920281010	
CAPÍTULO 11.....	119
SINAIS DOS TEMPOS EM “TEMPOS LÍQUIDOS”: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI	
Ademilson Tadeu Quirino	
Ligja Maria dos Reis Matos	
DOI 10.22533/at.ed.41920281011	
SOBRE OS ORGANIZADORES	135
ÍNDICE REMISSIVO.....	137

A SERVIÇO DO QUE SE MOVE: A TRADIÇÃO CAMBIANTE DA FESTA DOS SANTOS PEREGRINOS

Data de aceite: 27/10/2020

Andiara Barbosa Neder

Universidade Federal de Juiz de Fora
<http://lattes.cnpq.br/3164115820154630>

RESUMO: Apesar das pessoas envolvidas nas Folias de Reis gostarem de afirmar uma imutabilidade dos rituais e uma “firmeza” das tradições como uma virtude de seu grupo, é possível perceber que muitos elementos foram alterados, o que na verdade intensifica a ideia de cultura viva e em constante renovação. São exatamente essas pequenas desconstruções, reconstruções e ressignificações que são salientadas neste estudo, pois ações diferentes podem acenar atores diferentes e principalmente uma construção de pensamento diferente. Esta comunicação se ocupa de salientar as modificações ocorridas e motivo de tais mudanças. Atentando principalmente para as desconstruções em torno das proibições e obrigações referentes à questão de gênero. É necessário observar em que aspectos a mulher assume papel de liderança e como isto se deu, e por outro lado, quando a ela ainda se destina a marginalidade, seja organizacional, ritual ou dos saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Folia de Reis; mulher; mudanças.

ABSTRACT: Although the people involved in the Folias de Reis like to affirm an immutability of the rituals and a “firmness” of the traditions as

a virtue of their group, it is possible to perceive that many elements have been changed, which in fact intensifies the idea of living culture and in constant renewal. It is exactly these small deconstructions, reconstructions and reframings that are highlighted in this study, as different actions can beckon different actors and, mainly, a different thought construction. This communication is concerned with highlighting the changes that have occurred and the reason for such changes. Paying attention mainly to the deconstructions around the prohibitions and obligations related to gender. It is necessary to observe in which aspects the woman takes a leadership role and how this happened, and on the other hand, when marginality is still destined for her, be it organizational, ritual or knowledge.

KEYWORDS: Folia de Reis; woman; changes.

1 | INTRODUÇÃO

Apesar das pessoas envolvidas nas Folias de Reis gostarem de afirmar uma imutabilidade dos rituais e uma firmeza das tradições como uma virtude de seu grupo, é possível perceber que muitos elementos foram alterados, o que na verdade intensifica a ideia de cultura viva e em constante renovação. São exatamente essas pequenas desconstruções, reconstruções e ressignificações que são salientadas neste estudo, pois ações diferentes podem acenar atores diferentes e principalmente uma construção de pensamento diferente. Esta comunicação se ocupa de salientar as

modificações ocorridas e motivo de tais mudanças. Atentando principalmente para as desconstruções em torno das proibições e obrigações referentes à questão de gênero. É necessário observar em que aspectos a mulher assume papel de liderança e como isto se deu, e por outro lado, quando a ela ainda se destina a marginalidade, seja organizacional, ritual ou dos saberes.

O método de pesquisa aplicado é o da observação participante com análise de fonte oral. Através da observação participante o pesquisador experimenta pessoalmente o fenômeno que se propõe a estudar e o contexto no qual ele está inserido. Submerso nas teias de relações que cercam o seu objeto de estudo, fica mais fácil dominar os códigos e linguagens específicos do universo simbólico que determina e define o fenômeno a ser analisado assim como também é afetado por ele. Destarte, a observação participante se mostra eficiente na tarefa de interpretar e compreender o fenômeno de acordo com o mundo simbólico no qual se insere.

O conceito semiótico de cultura apresentado por Geertz (2008) como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” (GEERTZ, 2008, p.10) é o conceito que baliza esta pesquisa. Diante disso, o pesquisador deve estar atento a essa teia de significações e suas possíveis análises. Ciente de que a fonte do conhecimento antropológico é a realidade social e o trabalho do etnógrafo é realizar uma descrição densa, não deve somente descrever o vivenciado, mas sim interpretar a realidade e compreender o material simbólico que ela sustenta em busca de seus significados (GEERTZ, 2008, p.12). A partir da observação participante se tem a possibilidade de “dominar, pela vivência, a linguagem e os códigos que orientam o comportamento coletivo e atribuem sentido e plausibilidade às experiências que lá são observadas” (PROENÇA, 2008, p.31).

2 | O LUGAR DA MULHER: “ELA SEMPRE FOI A DA FRENTE!”¹

Para compreender os deslocamentos que cercam a dinâmica das Folia de Reis no município de Leopoldina, Minas Gerais, é necessário traçar uma análise dos elementos facilitadores da organização dos giros² e os percalços enfrentados pelos grupos, retomando seu passado, para perceber permanências e contrastes. Muitos obstáculos do passado foram impulsionadores de mudanças contemporâneas. Assim como os entraves atuais podem ser superados no futuro, através de uma dinâmica de adaptação, que passa obrigatoriamente por alterações, pequenas ou amplas, estruturais ou pontuais. A partir daí, é possível entender o papel da mulher nesse contexto mutante e sua importância para a promoção da festa e continuidade

1. Fala espontânea de Zezé, marido de Maú, em entrevista com ela, no dia 7 de setembro de 2017.

2. Giro é o nome que se dá à prática das Folia de Reis de passar nas casas dos devotos oferecendo a Bênção da Bandeira, trazendo a notícia do nascimento do Menino Jesus através dos versos cantados e recebendo as esportulas. O giro ocorre geralmente do dia 24 de dezembro até dia 6 de janeiro, com variação até 20 de janeiro.

da tradição.

No setor dos serviços, ou seja, nas funções dos bastidores invisibilizadas, mas desuma importância para a promoção da festa, são perceptíveis os deslocamentos ocorridos no que tange à questão de gênero. Se no passado, às mulheres caberia apenas funções de menor hierarquia no setor dos serviços, hoje elas já se inserem inclusive nas funções burocráticas e administrativas, antes dirigidas somente por homens. Se antigos serviços na folia eram considerados como obrigação da mulher, hoje se reconhece a sua relevância, incluindo, em alguns grupos, um agradecimento especial cantado às cozinheiras. Outra função imputada às mulheres dentro da folia, é o cargo de Madrinha da Bandeira, citado por Maú. É uma espécie de zeladora da bandeira. Na casa da Madrinha a bandeira fica guardada durante o ano todo sob os seus cuidados, recebendo manutenção, sendo revitalizada quando necessário, retiradas as fitas e enfeites velhos e mantendo o objeto pronto para sair no próximo giro. Se determinada função recebe um nome, então é porque não é tão invisibilizada assim. Ela tem importância para o grupo. Maú explica:

Maú: Eu era Madrinha da fulia e Banderera da fulia.

ABN³: Que que é a Madrinha?

Maú: A Madrinha é assim, quando que a bandera tá na sua casa, aí invés deles falá assim, cê é a dona da fulia, não, cê é a Madrinha da Bandera. [...] Eu era a Madrinha porque eu arrumava a bandera.

Zezé: Cê sempre foi Madrinha da Bandera! Ela sempre foi Madrinha da Bandera! Dixa eu explicá! Sabe por quê? Porque ela sempre fez a montagem da bandera, entendeu? [...] ela sempre foi a da frente! 'Ah a minha bandera eu quero desse jeito e tal!'⁴

Sobretudo, o cargo não é reconhecido em todas as folias, apesar da função já ser realizada pelas mulheres há pelo menos dois séculos em Leopoldina. As entrevistadas da Serra dos Barbosas não reconhecem o nome da função que executam há tanto tempo. Como uma herança que a mãe deixa para a filha, Cássia realiza tal serviço como uma extensão de seus afazeres diários e sem questionar se seria uma função de fato sua. E não é um trabalho fácil ou rápido, apesar da prática já tê-la ensinado atalhos que agilizam tal processo. Se na Serra ainda não enxergam a atuação da Madrinha da Bandeira como uma função digna de lembrança e gratidão, pois nem nomeada é. Isso se dá pela total invisibilidade da atuação feminina, pois o objeto em si é o de maior importância ritual, representante do poder

3. ABN são as iniciais do meu nome (Andiara Barbosa Neder), que no momento, era quem coordenava a entrevista.

4. Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

taumaturgo dos Santos Reis e símbolo da credibilidade da folia. Algo sempre feito e nunca questionado torna-se uma obrigação tão naturalizada que parece uma função inata de seus agentes, as mulheres. Se não é mais do que sua obrigação, não há necessidade de se tornar visível ou agradecer. Por outro lado, duas mulheres da comunidade foram homenageadas pela Folia da Serra por suas contribuições. Uma se mostrou importante por lavar e passar as roupas dos foliões e a outra por dar almoço a todas as folias que levam a Benção da Bandeira em sua residência. Cássia lembra:

Cássia: Ela tinha o compromisso de lavá e passá! Ela acompanhava a noite toda, aí às vezes, vinha durmi ali na casa da cunhada dela ali, 'Ai! Tenho qui lavá ropa!' 'Leula, vai durmi! Qui amanhã lava ropa!' 'Pó dexá, pó dexá, qui prá passá eu vô te chamá!' (risos)[...] Ela tinha esse comprimisso! Ficô muitos anos cum esse compromisso, sabe?! [...] Enquanto num lavava a ropa... tem que lavá a ropa prá i durmi, sabe?![...] Ela até recebeu, foi homenageada, coitada! [...] Foi homenageada lá no CAC em janero, quando foi outubro ela morreu. [...] Ela recebeu por esse mérito de cuidá dos uniforme dos foliões, a Dona Zezé recebeu tamém, homenageada lá, também por dá almoço todas as fulia, sabe?!

[...]

ABN: Então antigamente não tinha esse reconhecimento pelas mulheres, não?

Cida: Nãaaao... tinha nada...⁵

Porém, a contribuição é notada e bem aceita quando a atuação da mulher se dá nas funções que tradicionalmente já lhe são atribuídas. A diferença é que no passado todas as funções desenvolvidas por elas não eram sequer notadas como contribuições voluntárias, mas tinham o peso de uma obrigação, como ainda é a função de Madrinha da Bandeira em muitos grupos. E por mais que hoje já se reconheça o caráter colaborativo de certas ações, algumas mulheres, como Cida com o cuidados da bandeira, Leula com as roupas e Dona Zezé com a comida, interiorizaram como obrigação. Pode-se perceber isso pelo tom de pesar com que Leula asseverava que iria lavar roupa de madrugada, antes mesmo de dormir. Como quem admite que a obrigação vem antes do descanso. A gratidão do grupo em forma de homenagem é como um título de confiança oferecido à mulher que atua nos bastidores da festa, como um incentivo para que dali ela não saia. Um título que mais aprisiona do que liberta, mais solidifica a permanência do que afirma a mudança, mais reproduz os comportamentos e atitudes imputados às mulheres

5. Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

do que desarticula as *verdades* cristalizadas. Embora não tenha sido essa uma intenção consciente de quem teve a ideia de prestar a homenagem, nesse cenário onde não há um movimento feminino organizado que incite reflexões e possibilite deslocamentos, tal homenagem, apesar apontar uma mudança de percepção, não permite uma mudança de atitude. Pois encerra a mulher ainda mais na inércia, quando valoriza essas atividades que elas fazem, que suas mães fizeram, que suas avós fizeram... e que suas filhas farão se o ciclo não for rompido. É importante que os serviços sejam feitos, pois sem eles os giros não seriam possíveis. Mas que não sejam elas as únicas responsáveis por eles.

Por outro lado, em muitos grupos as mulheres passaram a assumir cargos de liderança por elas nunca antes alcançados. Porém, os homens não se veem impelidos a fazer os serviços antes destinados apenas às mulheres, salvo raras exceções. Dessa forma, elas assumem tanto as funções que antes lhes eram impelidas, quanto a de chefia que conquistaram.

Enquanto donas de folias, cargo de liderança e de grande responsabilidade, as mulheres assumem mais demandas que no passado. Se comparada com a direção masculina da atualidade, se percebem diferenças marcantes entre os dois tipos de gestão. Os donos de folia lidam somente com questões estritamente administrativas, burocráticas e de tesouraria quando o grupo não tem um tesoureiro responsável. Direcionam os afazeres necessários a outros e muitas vezes outras colaboradoras. Já as donas assumem a direção de forma holística e dificilmente delegam a terceiros as funções que elas mesmas podem ou já estão acostumadas a fazer.

Importa dizer que “ainda hoje, as mulheres carregam o estigma de sexo inferior” (CRUZ, 2013, p. 66). A maioria “ainda resiste em ocupar os pequenos espaços de poder na direção das organizações. Talvez seja pelo fato de entenderem, ou de lhes ter sido ensinado, que poder é coisa de homem” (CRUZ, 2013, p. 66). Dessa forma é relevante compreender o que é ser dona de uma folia para essas mulheres, que tipo de poder elas detém. “O poder como ‘exercício de um serviço’ é muito presente na vida das mulheres” (CRUZ, 2013, p. 66). Pois elas são ensinadas a servir, obedecer e serem dóceis desde a mais tenra idade. As mulheres que lideram os grupos e assumem, conscientemente ou não, uma função de poder, costumam pensar que estando à frente de uma folia elas estão assumindo um compromisso com os santos Reis de não deixar o grupo parar. Mas elas são encaradas de fato como figuras de liderança dentro dos grupos e muitas vezes, na comunidades, como Maú, ou enquanto lideranças religiosas, como Luíza. Por isso, todas as decisões devem passar por elas antes de serem efetivadas, inclusive a configuração do roteiro do próximo giro.

Em vários casos de folias com liderança femininas, se a mulher não assumisse

a direção diante da situação de perda do dono anterior, como Maú assumiu o seu, o grupo se diluiria. Sem uma figura de respeito, que religa todos os integrantes, possui voz de comando, empreende atitudes e ações que fazem a festa acontecer, o grupo não segue adiante. No ano em que Maú adoeceu, final de 2016, sua folia não saiu em giro, ou seja, mesmo tendo passado o cargo de dona para seu filho, sua figura é fundamental para a dinâmica do grupo.

No caso da Folia da Luíza, o grupo só nasceu por conta de sua fé. No final de 2017, dia 23 de dezembro, na véspera do início do giro da folia, Luíza veio a falecer, depois de passar pouco mais de uma semana no hospital. Porém, já havia deixado tudo preparado para a saída da folia. Segundo Andreia, sua filha mais velha, só faltava buscar os uniformes novos na costureira, que Luíza gostava de renovar todos os anos. Parte do dinheiro Luíza já havia separado para pagar o serviço, a outra parte a costureira deixou Andreia pagar quando tivesse condições. Ao contrário da Folia da Maú, que não saiu em giro sem a sua presença quando estava doente, a Folia da Luíza saiu em respeito à vontade da dona da folia, ao seu empenho, à sua dedicação em vida. Em homenagem à sua memória, a filha não permitiu que a folia não cumprisse com sua missão neste giro. Dessa forma, tudo foi feito como a matriarca havia planejado. Visitaram todas as casas contempladas pelo roteiro e viajaram para Recreio, no dia 6 de janeiro.

Quando Luiz Cláudio, vice presidente da Folia da Luíza, traçou o roteiro contemplando as casas de Tebas no dia 6 de janeiro, dia de maior relevância para a folia, o fez com a anuência de Luíza. As casas visitadas não eram de devotos de Santos Reis que sequer conheciam a sequência ritual, o que já configura uma diferença do perfil das visitas tradicionais. Eram de pessoas economicamente favorecidas ou de situação confortável.

As famílias abastadas no passado recebiam as folias assim como as menos favorecidas economicamente. Quem dedicava devoção aos Três Reis faziam jantares para oferecer à sua bandeira em troca de sua bênção independente da classe social. As famílias abastadas de hoje, consideram por um lado, a Folia de Reis algo do passado, festa das camadas populares que insistem em cultivar uma tradição quase perdida ou esquecida. Por outro lado, se identifica aos poucos, o discurso que esboça um desejo de resgate de uma tradição que se julga em vias de extinção, algo que não se pode deixar perder pela ação do tempo e pelo efeito homogeneizador da modernidade e suas estratégias de globalização. O que essas pessoas bem intencionadas não sabem por não terem contato com a festa, é que a Folia de Reis não vai se extinguir, independentemente de sua boa vontade em ajudar, chamando em suas casas o distante e *exótico* da periferia. A Folia de Reis possui uma dinâmica de auto renovação eficiente, contando com estratégias de, ressignificações miticamente plausíveis. E apresenta uma rede devocional forte,

que sustenta grupos e assistência. Ou seja, não faltarão foliões e plateia. As crianças são inseridas desde cedo na folia e aprendem a acreditar e respeitar os Santos e seus poderes taumaturgos. Como assevera Geffré (2013, p. 231), “uma tradição só é viva se ela for sempre inovação”.

3 I FESTIVAIS: “A MULHÉ QUE TÁ NA FRENTE LÁ, NÉ?!”⁶

Além de toda essa capacidade de renovação intrínseca à Folia de Reis, existem iniciativas de valorização de manifestações culturais populares e particularmente voltadas para a Folia de Reis em Leopoldina e região. Em Recreio, município próximo a Leopoldina, ocorre entre os meses de dezembro e janeiro a Festa em Honra a Santos Reis e o Encontro de Folias de Reis. O evento acontece no Cruzeiro dos Santos Reis, se inicia no dia 30 de dezembro e termina geralmente dia 6 de janeiro. Segundo um dos atuais organizadores, Matheus Ribeiro, responsável desde de 2012, como nesta última edição haviam muitas folias inscritas, o evento se estendeu por mais um dia, encerrando no domingo dia 7 de janeiro. A Festa e o Encontro que acontecem há 27 anos, reúnem um grande número de grupos de toda a região, e até mesmo folias de outros estados, como do Rio de Janeiro, já prestigiaram o evento tradicional na cidade.

Além desse evento em Recreio, há na zona rural de Leopoldina, nas Palmeiras, há 35 anos o Festival de Folia de Reis das Palmeiras, no Centro de Aprendizagem Comunitária – CAC. Segundo Tinho e Lúcia, que sempre esteve inserida na organização do Festival desde o princípio, foi o primeiro evento com o objetivo de reunir os grupos da região. Ela lembra quando seu pai, seu sogro e outros foliões tiveram a ideia de criar o Festival:

Lucia: “Por que então a gente não reunir todas essas folias em um mesmo lugar? Lá tem o CAC. Por que a gente não vai fazer uma festa pra folia e tudo?” E aí na época até foi falado “vamo fazê um encontro de folia”. Meu sogro até falou: “Não. Não pode tê nome de encontro, porque num pode sê Encontro de Folia, porque Encontro de Folia tem outro sentido”⁷. Tendeu? Aí por isso surgiu o Festival de Folia. [...]Aí é pra sê uma festa e não um Encontro. Por isso que chama festival. E desse festival quantos já tem por aí depois do nosso! Quantos já tem por aí na região! [...]

Tinho: mas o primeiro foi o nosso lá.⁸

Lúcia tem uma trajetória relevante dentro da Folia de Reis, pois desde

6. Fala de Tinho, marido de Lúcia, em entrevista realizada com ela no dia 10 de outubro de 2017.

7. Encontros de Folia eram duelos violentos que no passado ocorriam quando um grupo encontrava com outro no caminho. Os dois deveriam parar e começar o duelo de versos que poderiam durar horas. O grupo perdedor deveria entregar ao outro seus instrumentos e bandeira. Porém, muitos não aceitavam sofrer tal humilhação e partiam para agressão física, chegando a ocorrer óbitos.

8. Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

seu nascimento, toda sua infância, juventude e vida adulta esteve inserida nesse contexto. Atualmente ela é a responsável pelo almoço da Entrega da Bandeira da Folia da Serra na Igreja do lugarejo, que agrega um grande número de devotos, visitantes e moradores. Ela se reúne com algumas mulheres e elas fazem toda a comida servida no dia 6 de janeiro, nesse ritual de encerramento do giro.

Porém, a colaboração de Lúcia não se resume aos locais tradicionais demarcados pela presença feminina, nos contextos privados e nas funções de extensão de atividades domésticas. Ela amplia as fronteiras que demarcam o lugar da mulher no universo da folia. Ela atua como mestra de cerimônia do Festival de Folia de Reis das Palmeiras. Anunciando a entrada dos grupos, dando detalhes sobre sua formação e citando o trecho selecionado para apresentação, e tem autonomia de decisão. Tinho, orgulhoso da atuação da esposa, reconhece a mudança de cenário dos tempos antigos para o atual, mesmo não aceitando alterações no interior de sua folia, admite o sinal dos tempos no seu entorno:

Tinho: Porque antigamente, a mulhé era assim, uma coisa bem distante, né?! O homem que..., né?!

ABN: encabeçava...

Tinho: O homem que encabeçava tudo. [...] Hoje num existe mais isso, né! [...] Cê vê! Hoje o Festival da Folia lá, cê presenciô lá, a mulhé que tá na frente lá, né?! Anunciano as folia. Ela que faiz! É ela quem anuncia as folia lá!⁹

Não só os eventos anuais, mas também os que são organizados esporadicamente, buscam dar maior visibilidade às manifestações de cunho popular. O Encontro de Tradições Mineiras e o Fórum de Culturas Populares da Zona da Mata, tinham por objetivo abrir espaços de troca de experiências, divulgação dos saberes tradicionais, e viabilizar aos grupos o acesso à informação sobre recursos financeiros municipais e formas de organização. Porém, os dois eventos acabaram perdendo força quando o organizador responsável mudou de Leopoldina e as leis de incentivo à cultura foram sendo reduzidas e se tornando cada vez mais escassas. O Fórum teve 4 edições e o Encontro 5.

Contudo, o Festival de Folias de Reis das Palmeiras e o Encontro de Folias de Reis de Recreio ganham popularidade e visibilidade a cada ano, mesmo com poucos recursos. Segundo um dos organizadores do Encontro de Folias a prefeitura de Recreio ajudou apenas com a carne para o lanche dos foliões (pão com molho de carne moída e refrigerante) e com equipamentos de som. Já para o Festival das Palmeiras, Lúcia aponta que o auxílio da Prefeitura de Leopoldina se delineou

9. Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

no sentido de oferecer ônibus para o transporte dos foliões da cidade para o CAC e seu retorno. A atuação do poder público junto a esses eventos não se dá no sentido de motivar suas práticas, mesmo assim alguns resistem e seguem com a vontade a frente do dinheiro. A revelia disso, a popularidade desses eventos mostra que o olhar sobre essas manifestações mudou, e o que era periférico e marginal, ganha relevância enquanto cultura popular e saberes tradicionais que devem ser valorizados.

4 I OBSTÁCULOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA: “ACREDITÁ, CONFIÁ, PROCURÁ A VERDADE”¹⁰

A partir desse cenário em que as mulheres se apresentam autônomas e atuantes em todos os setores da festa, tanto na base da manifestação quanto em funções do topo da hierarquia, é possível perceber que a folia ressemantiza alguns aspectos próprios para buscar aderência no contexto social atual. Fagocita certos traços da cultura hegemônica, se valendo deles como facilitadores, se remodelando e assim gerando resultados criativos. Usando um exemplo simples, se antigamente, ao bater da folia em casa as mulheres corriam à cozinha para assar uma broa e passar um café, hoje, com a rota traçada anteriormente, a casa espera a folia com refrigerante e hot dog, A essência da folia permanece a mesma. Segundo Woodward (2000, p.20) “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças no padrão de consumo, as quais por sua vez produzem identidades novas e globalizadas.” Se os efeitos da globalização, atrelados ao crescimento da industrialização dos gêneros alimentícios e sua midiaticização, atingiram nossos consumo e hábitos alimentares, isso não corrompe a fé dos devotos, que sustentam a Folia de Reis.

O acesso irrestrito ao celular por grande parte da população e sua facilidade em registrar imagens, acaba divulgando a manifestação em redes sociais e diluindo aos poucos a imagem negativa que os foliões carregam há muito tempo¹¹, de marginais, cachaceiros e vadios, aliada ao preconceito de cunho religioso. Além disso, o uso de aplicativos como o whatsapp, facilitam e agilizam a comunicação e confirmação de visitas para montar o roteiro.

Portanto, em relação à Folia de Reis em Leopoldina é possível afirmar que a festa possui aderência ao contexto social do lugar. E não por conta do dinheiro garantido nos giros, muito menos por conta de alguma verba municipal que a cada dia se torna mais inatingível, mas por dois elementos que se associam de maneira

10. Fala de Luíza em entrevista realizada em sua residência, no dia 17 de junho de 2017

11. Bastos (1973, p. 32), na década de 1970, sinalizava a institucionalização do preconceito sobre a Folia de Reis, devido à ação policial que tentava minar suas atividades nas áreas urbanas através de uma “sistemática prevenção das forças policiais que sempre consideraram esse tipo de folguedo como arregimentação de marginais”.

bastante harmônica e prazerosa: fé e lazer. Luíza mesmo asseverava que o motivo de não encerrar o giro de seu grupo no dia 6 de janeiro, como manda a tradição, é pelo número de casas que pede a visita da folia e que aumenta a cada ano:

Luiza: primeiro, não dá tempo de visitar todas as casa até o dia 6. Aí sempre fica as pessoas, que já tão acostumada, as pessoa devota reclama cum a gente. Então como agora,..todo mundo agora, praticamente todas as fulia, vai até o dia 20 por esse motivo. Num é por que a gente qué... tem gente que fala assim: é meio de vida. Não. Não é meio de vida. A gente qué agradá a todos, a gente qué chamá mais as pessoas pra fé, pra, pra, acredita, confiá, procurá a verdade. Porque a verdade, é qui o santo é milagroso. Então a gente qué é isso aí. Então o qué qui a gente faiz? Pra num pará dia 20, dia 6, a gente vai até o dia de São Sebastião, qui aí dá tempo de visitá todo mundo. [...] Já aumentô casa esse ano!¹²

Portanto, vários fatores se mostram como obstáculos dos dias atuais e são ressignificados ou readaptados através de estratégias de permanência e de controle de conflitos. Como a questão do distanciamento dos jovens da folia, o trânsito religioso, os empregos urbanos, misoginia, preconceito racial e de classe social.

A questão do jovem na folia nem é de fato um obstáculo real, já que na prática não se manifesta tal como prega o discurso de que as manifestações tradicionais serão extintas. A Luíza falou em entrevista sobre o distanciamento dos jovens da folia, Bento seu genro, ratificou, Matilda, enquanto devota, confirmou. Por outro lado, os grupos estão repletos de jovens. A Folia da Luíza e da Maú são majoritariamente constituídas por jovens. A Folia da Serra também conta com sua participação. Como Lúcia afirma: “Nós temos muitos jovens. Muitos jovens na fulia. Meu filho mais novo, tá com 24 anos, hoje já é um mestre na fulia. Tendeu? Então assim, é um envolvimento muito grande, temos muitos jovens.”¹³ Assim como a Folia dos Colodinos conta com sobrinhos e netos dos foliões veteranos, como a própria Matilda assevera em entrevista:

Matilda: E hoje essa juventude que evem aí, ocê eu nem sei cume qui ocê mexe cum isso...

ABN: Ihh eu adoro!

Matilda: Ninguém mais gosta, tá?! Num é? Cê num vê mais ninguém novo falá que gosta.

ABN: São poucos que dão continuidade à folia da família, né?! Igual lá da Serra eles dão, né?! Tem que ser uma coisa mais de família...

12. Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

13. Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Matilda: Igual a dos Colodino também tá dando. Us minino do seu Darilo. Pois intão. O seu Darilo já vai, tá ficano véi já, mas já evem. Tem dois neto dele já que já tá na folia.¹⁴

Mas não é um privilégio somente desses grupos. No último Festival das Palmeiras até uma Folia Mirim se apresentou, composta só por adolescentes e crianças. Por outro lado, o trânsito religioso sim pode ser considerada uma questão, que não se manifestava no passado. Apesar de Minas Gerais se apresentar como um peso morto na região Sudeste em relação às estatísticas de crescimento protestante (FREESTON, 1994, p.31), já se pode verificar na dinâmica interna dos grupos certa rotatividade dos participantes por conta de Igrejas evangélicas que não aceitam que seus fiéis participem da folia. É conhecida a aversão que os evangélicos professam em relação à adoração de santos e conseqüentemente, às festas em sua homenagem. Em relação à Folia de Reis, ainda tem um agravante, que seria a participação também dos umbandistas, que é um grupo frequentemente hostilizado pelos evangélicos. Mas como o trânsito é sempre dinâmico, assim como as pessoas entram para as igrejas, também deixam e voltam para a folia. É uma via de mão dupla.

Os empregos urbanos também oferecem um problema. Como antigamente grande parte dos foliões era trabalhador rural, a flexibilização do trabalho nos dias de giro da folia era negociado com o patrão. Os foliões faziam um mutirão para adiantar, nas semanas anteriores, os serviços uns dos outros. Hoje, por conta dos empregos urbanos, a estratégia utilizada pela folia foi estender os giros até o dia 20 de janeiro para conseguir atender a todos os devotos.

A misoginia é o obstáculo a ser superado que mais interessa nessa pesquisa. Mesmo com as mulheres assumindo funções de comando nas folias, a misoginia ainda é um obstáculo contemporâneo. Assim como o problema do preconceito racial, a superação da misoginia na folia não é uma realidade, mas sim uma possibilidade. E o que garante essa possibilidade é seu respaldo mítico, ou seja, a narrativa das Três Marias¹⁵. Em prol do bom funcionamento dos giros, as narrativas míticas celebram uma flexibilização das regras que engessavam uma estrutura, que por sua vez, só se sustenta na maleabilidade da concessão. Mas o que deve ser ressaltado é a ideia de acolhimento das mulheres nesse contexto falocrático. Talvez não um acolhimento no sentido de se tornar parte de um contexto de modo solidário e ser tratada como igual. Mas sim no sentido de se ressaltar a natureza externa desse elemento. Se a mulher foi acolhida na folia, quer dizer que aquele espaço não lhe

14. Entrevista com Matilde em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

15. Tal narrativa justifica a presença feminina no cortejo através da reinvenção do mito fundante. Um folião da Folia dos Colodinos contou que numa encruzilhada os três Reis encontraram com as três Marias, e sabendo do destino dos Reis elas pediram para acompanhá-los, pois também gostariam de conhecer o Salvador, e eles aceitaram a companhia feminina. Isso respalda miticamente a presença feminina no cortejo e na esfera ritual da folia.

pertence originalmente, que não é seu, mas ela pode permanecer. Justamente por ser relevante em vários aspectos. Igualmente como acontecia e ainda acontece com os negros em folias de famílias brancas, a ideia de acolhimento do elemento não pertencente é a mesma.

O preconceito racial, um elemento arraigado na cultura de Leopoldina, segundo Franklin (2014) a cidade negra de mando branco, também foi um obstáculo importante, que no passado, impedia o desenvolvimento dos giros. Muitas vezes se perdia a oportunidade de contar com um hábil instrumentista, que fazia falta no grupo, por conta de sua cor. A narrativa que versa sobre a exclusão de Baltazar da jornada pelos outros dois Reis Magos¹⁶ faz uma analogia à realidade vivida. De acordo com o Seu Didi, folião dos Colodinos, o motivo da exclusão de Baltazar era puramente racista, pois na visão dos reis brancos, não ficava bem para eles serem vistos andando na companhia de um negro. Isso reflete o pensamento em vigor na época em que a narrativa foi legitimada, que não valia apenas para os Reis mas também para seus representantes, os foliões. Atualmente a inclusão de participantes negros em folias de famílias brancas é miticamente justificada.

O preconceito de classe social, no contexto da folia, pode ser atenuado com informação. Tais informações eram fornecidas à população a partir de fóruns e encontros, que discutiam a temática cultural com ênfase nas manifestações populares regionais. E como consequência, colocavam tais manifestações em evidência, promovendo um enfoque positivo, como cultura viva e não como credence em vias de extinção. Além desses eventos extintos temos os Festivais exaltando a dimensão cultural da Folia de Reis. Dessa forma, as casas na vizinhança deixam de ser os únicos lugares a receberem a visita das bandeiras das folias, sendo o acesso ao público estendido.

Destarte, é possível perceber através dos deslocamentos ocorridos na história da festa nesses seus 200 anos em Leopoldina, que a tradição não é estática. Ela é cambiante, e justamente por isso se desloca em direção à posteridade. E a mulher, nesse contexto, tem relevância por ser um ponto importante de deslocamento. Pois em torno dela diálogos com questões da modernidade são tecidos e barreiras *intransponíveis* são rompidas.

16. Essa narrativa também se pauta na reinvenção do mito fundante. De acordo com a narrativa contada por seu Didi, durante a noite, quando os Reis pararam para descansar, os dois Reis brancos combinaram de sair de madrugada, antes de Baltazar despertar, pois não seria interessante para eles serem vistos na companhia de um negro. Quando Baltazar acordou e se viu sozinho, a estrela apareceu para ele e o levou até a manjedoura, sendo ele o primeiro a chegar para adorar o menino Jesus. Logo depois, os outros dois Reis, que anteciparam a sua viagem, atônitos observaram o que havia acontecido e aprenderam que não deveriam ter excluído Baltazar por conta de sua cor.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo importou ressaltar como a mulher, apesar de ainda marginalizada, conseguiu ascender à liderança de grupos majoritariamente masculinos. E mostrar como esse deslocamento, ainda que possibilitados miticamente, não supera o problema da misoginia dentro desse contexto devocional, que na verdade é um reflexo de um contexto social maior. Porém, a misoginia não foi o único problema ou obstáculo a ser superado ou, pelo menos, contornado, pela folia. Outros deslocamentos, que se entrelaçam foram necessários para a sua permanência no contexto social fosse possível.

A trajetória da folia até a contemporaneidade foi marcada por vários percalços, dentre eles intolerância religiosa, trabalhos urbanos, misoginia, preconceito racial, preconceito de classe social. Obstáculos relacionados à discriminação devem ser superados na sociedade como um todo, e também na folia, onde é apresentado um jeito peculiar de lidar com esses problemas, mas não suas soluções. Pode-se compreender esse jeito enquanto estratégia de controle e permanência. São estratégias utilitárias, que resolvem a consequência do problema, mas não ataca e aniquila a origem do mesmo, justamente por estar atrelada a estruturas sociais mais profundas e de difícil desinstitucionalização. O modo como os preconceitos foram instaurados nas mentes e corações das pessoas foi tão eficaz, que mesmo se mostrando como elementos que impedem ou prejudicam nitidamente a dinâmica dos giros, não são facilmente desconstruídos. Se ainda é cedo para vislumbrar o fim da discriminação (seja ela qual for) na sociedade, no contexto folião foram criadas estratégias míticas de aceitação para minimizar os prejuízos que determinados preconceitos impunham aos giros. Isso não quer dizer que esses obstáculos foram superados, mas talvez contornados, tendo assim abrandados seus efeitos.

Portanto, se alguns elementos na atualidade se tornam obstáculos para o percurso natural da folia e são na maioria das vezes superados pela flexibilidade e capacidade de renovação da manifestação, outros fatores próprios da atualidade também abrem oportunidades de ampliação da assistência.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Maria Isabel da. *A mulher na igreja e na política*. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas: memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina- MG*. Utopika editorial. 2014.

FRESTON, Paul. O Mapeamento dos Protestantes Brasileiros. *Protestantismo e Política no Brasil*. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas, 1996, p. 27-41.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LCT, 2008.

GEFFRÉ, Claude. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. São Paulo, Paulus, 2013.

PROENÇA, Wander de Lara. Observação participante. *Revista Antropos*, vol.2, Ano 1, p. 8-33. Maio de 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença uma: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 7 – 72.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bíblia Hebraica 54, 55, 56, 57, 58, 59

C

Confessionalidade 90

Congar 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

E

Eclesiologia 102, 103, 104, 105, 106, 108

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 27, 63, 64, 65, 123, 132, 135

H

Habermas 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118

I

Identidade negra 13, 16, 17, 26

L

Literatura infantil 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 27

M

Medellin 102, 106, 107, 108

Morte 28, 29, 30, 33, 34, 35, 39, 86, 109, 110, 122, 125, 127, 130

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 22, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 75

N

Narrativas bíblicas 54, 55, 56, 58, 60

P

Paradigmas 6, 90, 93, 99

Peregrinos 63

Preservação 35, 41, 42, 51, 52, 53

R

Racismo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27

Relações raciais 13, 15, 26, 27

Religião 2, 3, 8, 10, 12, 21, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 40, 41, 45, 48, 78, 81, 83, 84, 86, 88, 89, 97, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 127, 135

Restauração 41, 52, 54, 59, 79

S

Santos 16, 19, 21, 31, 33, 40, 63, 66, 67, 68, 69, 73, 91, 104

T

Tempos líquidos 119, 128, 129, 130, 134

Teologia 2, 5, 61, 76, 77, 78, 84, 88, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 121, 133, 135

Tolerância 109

X

Xintoísmo 28, 29, 30, 31, 32, 34

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2